

nar uma mulher que, durante toda a sua vida, fora uma prisioneira, espancada e insultada, e que é considerada demente e perigosa. A sonhadora ergue a paciente emaciada (que está deitada em posição fetal) em seus braços para fazê-la deitar suavemente de modo a poder auscultar-lhe o coração. Continua a sonhadora:

Posso ver o terror estampado no rosto dela e tenho a impressão de que ela é como um animal malévolos e que pode atacar-me a qualquer momento. Peço-lhe permissão para ouvir-lhe o coração e então ergo suavemente o seu vestido, revelando apenas o necessário para colocar o estetoscópio, de modo que ela não se sinta invadida e para que não lhe pareça que não respeito sua privacidade. Seu rosto e todo o seu corpo se acalmam, aliviados, e ela permite o exame. Eu me afasto, percebendo que ela está muito doente... Seu nome é Maria e eu compreendo que é, de fato, a Bem-aventurada Virgem Maria.¹⁸

Embora este sonho faça parte indiscutivelmente da psicologia pessoal da sonhadora, é igualmente indiscutível que ele deve ter alguma referência coletiva.

Não estou pretendendo atribuir características positivas ou negativas ao feminino. As mulheres estão por demais habituadas às restritivas definições masculinas a elas referentes. Embora todas as mulheres (assim como os homens) sejam influenciadas pela atuação secreta do feminino, eu estou falando de um arquétipo e não das mulheres consideradas em sua realidade material. As mulheres vivem os princípios masculino e feminino de uma maneira feminina. Os homens os vivem de uma maneira adequada ao homem.¹⁹

Mais uma história da criação

No princípio, era tudo uma coisa só, informe e vazia. Então, com a luz (Gênesis 1:3), ou a serpente (Gênesis 3), ou a palavra (João 1:1), ou a consciência (interpretação de Jung), o mundo passou a existir. Ficou demonstrado que, no momento em que veio à luz, a totalidade inconsciente original era constituída de um contingente infinito de pares de opostos, predominantemente masculino e feminino, espírito e matéria, bem e mal. Os masculinos se apoderaram de um lado de cada polaridade

e projetaram com amor e ódio o contrário sobre o outro (a mulher).²⁰ As mulheres agora nos devolveram, a nós, homens, a metade da natureza que havíamos projetado nelas — uma dádiva e uma aflição. A questão para nós, homens, é o que fazer com isso. As mulheres disseram: “Nós não somos isto.” A bola está no nosso campo.

É mais fácil falar no declínio da idéia diretriz que tem presidido às nossas vidas, que tentar formular a nova concepção que está prestes a nascer. A ciência e o nacionalismo governaram a era que hoje está em eclipse e imaginaram que todas as coisas são acessíveis ao poder do cérebro. A nova idéia diretriz, à qual damos aqui o nome de princípio feminino, está ligada à restauração do mistério da vida. Uma das marcas que caracterizam a análise junguiana é a aceitação da sua falta de conhecimento. Tendo uma percepção aguda das limitações do intelecto, ela oferece uma maneira de apreender os ilimitados mistérios da vida cotidiana, abrindo com isso lugar para o feminino.

Jung qualifica a atitude religiosa de consideração cuidadosa do numinoso. “Numinoso” significa algo que se move por si mesmo e que, por conseguinte, dá ao ego a aterradora e espantosa experiência do “inteiramente outro”.²¹ Nesse contexto, ele se refere ao nosso reconhecimento de que, na vida psíquica, existem forças que têm vida própria. Nós não as controlamos; quando muito, mantemos uma relação mais ou menos consciente com elas — relação e não conhecimento, no sentido da capacidade de controlar ou de prever.

As mulheres em geral têm um interesse maior pela psicologia e mantêm com ela uma relação mais natural. A zelosa atenção dedicada pelas mulheres à evolução de seu processo de individuação parece com frequência mais genuína que a dos homens, os quais muitas vezes, mesmo durante a análise, se mantêm atentos a algum progresso mundano, seja ele qual for. As mulheres se mostram mais dispostas a aprender; segundo a expressão budista, elas têm uma “mente de aprendiz”.²² É essa a atitude religiosa.

Jung diz que a mulher deseja viver de modo a poder compreender ela própria a sua vida.²³ Poderá haver exemplo mais belo da atitude religiosa? Erich Neumann disse que o fruto da individuação de um homem é o conhecimento, enquanto que o da mulher é a transformação.²⁴ Ou, em outras palavras, “O homem faz, a mulher é”. A afinidade entre mulher e ser lembra as filosofias orientais e confirma a teoria segundo a